

O TABU DAS EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR

Renato Antônio Ribeiro⁶¹
Adjenane Cantuaria do Amaral Dias⁶²
Cristiane Moura Rodrigues

RESUMO

Os estudos acerca das expressões da sexualidade na escola demonstram a necessidade dos educadores adquirirem conhecimentos sobre este assunto que hoje tem se tornado um tabu no âmbito escolar em muitas ocasiões. A curiosidade das crianças sobre sexualidade é significativa pois podem indicar o desenvolvimento de sua sexualidade. O objetivo deste artigo é compreender as dificuldades enfrentadas pelos educadores diante das expressões da sexualidade de alunos do 4º e 5º anos do ensino fundamental. Para tanto, foram realizadas observações em uma escola municipal, em turmas de alunos com idade entre 11 a 18 anos e também entrevistas estruturadas com professores e coordenadores. O resultado desse trabalho mostra que a falta de qualificação é um obstáculo para os professores lidarem com as expressões da sexualidade de seus alunos os quais não percebem sua presença na sala de aula.

Palavras-Chave: Sexualidade no âmbito escolar. Desenvolvimento da sexualidade. Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a intenção de pesquisar a necessidade de diferentes abordagens sobre as expressões da sexualidade no âmbito escolar, onde o professor ofereça uma didática diferenciada, tornando-se indispensável no âmbito escolar a fim de discutir tabus e preconceitos na realidade de uma escola municipal.

Percebe-se no cotidiano escolar o anseio e a curiosidade dos alunos em relação às expressões da sexualidade (transformações que ocorrem na fase de transição entre a infância e adolescência). As orientações e as informações adequadas possibilitam ao aluno um melhor entendimento para viver essa etapa com menos dúvidas e medos e permitindo, assim, um crescimento saudável.

De acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) a orientação sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo

⁶¹ Professor Orientador: Graduado em Ciências Biológicas e Mestre em Educação, Linguagens e Tecnologias (UEG), Doutorando em Ciências e Matemática (UFG), Docente na Faculdade Católica de Anápolis.

⁶² Licenciadas em Pedagogia pela Faculdade Católica de Anápolis.

transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados:

O professor deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto dos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática [...] (PCN, 1997 p.44).

Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista.

O projeto “O Tabu da Sexualidade na Infância e adolescência no Âmbito Escolar” foi desenvolvido no segundo semestre de 2015 em uma escola municipal da cidade de Anápolis-GO, utilizando questionários aplicados para alunos do 4º e 5º anos, professoras e coordenadoras.

Analisando a dificuldade no âmbito escolar, percebe-se que a interação é parte fundamental para que o tabu da sexualidade seja discutido e trabalhado. Deve-se ter em mente que a tarefa da educação sexual pode ser emocionalmente trabalhosa para os professores, uma vez que são pertencentes a uma cultura carregada de equívocos e tabus e nem sempre se sentem disponíveis, tranquilos e maduros frente à própria sexualidade. Mesmo assim, a Escola é o espaço privilegiado para que os alunos possam fazer seus questionamentos. Nos debates de sexualidade, os adolescentes muitas vezes fazem perguntas que os pais e mesmo os professores não se atrevem a fazer.

É importante que o educador amplie seus conhecimentos acerca do assunto a fim de auxiliar os alunos que não possuem informações adequadas, respondendo às dúvidas de forma esclarecedora, respeitando a opinião de cada educando. Se o educador não for preparado e não possuir informações adequadas, poderá transportar seus valores, crenças e opiniões como verdades absolutas, não permitindo aos alunos a autonomia para desenvolver seu conhecimento.

Questiona-se a importância do tema no âmbito escolar e familiar devido às concepções que a sociedade tem em relação ao assunto e busca-se entender a dificuldade que a escola enfrenta para trabalhar esse tema que todos consideram um tabu devido à resistência em abordar essa temática. Então, como amenizar as situações que envolvem o tema sexualidade no âmbito escolar? Como a escola lida com o tema sexualidade com os alunos na adolescência? Como os alunos absorvem as informações recebidas no âmbito escolar? Qual a dificuldade dos professores em abordar o tema em sala de aula? Qual é o nível de conhecimento em relação à sexualidade na visão dos alunos? Como foi adquirido o conhecimento que eles têm em relação à

sexualidade? Na opinião dos alunos, o que a sexualidade representa? Estas são algumas questões problematizadas neste trabalho.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é compreender e identificar através de revisão bibliográfica e pesquisa de campo como se dá a formação e capacitação dos professores em torno do desenvolvimento da sexualidade dos alunos, sua reação quando se deparam com situações desconfortáveis, relacionadas com as transformações ocorridas desde a infância, a fim de contribuir com uma melhora na qualidade de vida dos alunos e uma maior conscientização em relação à sexualidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O tabu da sexualidade permeou por vários anos a história da humanidade como um termo ligado a fatos horríveis, imorais e obscenos. Qualquer expressão sobre sexualidade era proibida, especialmente com crianças e adolescentes. Isso acentuava ainda mais a curiosidade que envolvia o assunto, que ainda ficava como um enigma(CHAUÍ, 1984).

As intimidações eram feitas de formas ameaçadoras. O mesmo acontecia quando surgiam perguntas a respeito da concepção e nascimento dos bebês. As perguntas eram respondidas com escapatórias do tipo: “os bebês nascem de uma sementinha plantada na barriga da mamãe”, “o papai colocou uma sementinha na mamãe”.

As proibições e permissões são interiorizadas pela consciência individual, graça a inúmeros procedimentos sociais (como a educação, por exemplo) e também expulsos para longe da consciência, quando transgredido porque, neste caso, trazem sentimentos de dor, sofrimento e culpa que desejamos esquecer ou ocultar (CHAUÍ, 1984, p. 9-10).

Tendo essa consciência de mistério sobre sexualidade, a sociedade tornou-se conservadora, provocando atitudes que deveriam ser respeitadas como: não se fazer perguntas sobre esse assunto e ter um comportamento retraído. Tais atitudes, quando realizadas de forma abusiva, induziam o indivíduo a uma aceitação de ignorância e consentimento.

Segundo Freud (1973) a sexualidade é uma manifestação da vida psíquica que se desenvolve por fases sucessivas, explicando a sua teoria da sexualidade, que está presente na vida do indivíduo desde o nascimento até a morte, se desenvolvendo desde os primeiros dias de vida e manifestando-se de forma diferente em cada momento da infância (desenvolvimento psicosssexual).

Atos e palavras sobre a sexualidade passaram a serem regulados, expulsos, negados e reduzidos ao silêncio por gerações que justificam essa interdição pelas crenças, atitudes, valores,

papéis e relacionamentos, sendo permanentemente de ocultação e camuflagem no espaço familiar e no contexto escolar. O tema reprimido exerce uma pressão contínua sobre o indivíduo, acarretando uma condição de angústia.

Com o passar dos tempos, o tema sexualidade começa a ser abordado e trabalhado no ensino com o surgimento da Sociedade de Sexualidade Humana (SBRASH) nos anos 1980, que defendia a importância de se ter nas instituições escolares a educação sobre a sexualidade. No ano de 1997 o tema foi retomado, não como disciplina, mas como conteúdo a ser incorporado nas matérias já existentes no currículo com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), apresentando a sexualidade como um tema transversal, trabalhado tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio.

Os PCNs trazem a sexualidade como um tema transversal intencionalmente, pois acreditam que ele deve ser tratado pelas diversas áreas do conhecimento, propondo para o assunto uma ação crítica, reflexiva e educativa, visto que eles consideram sua presença na escola e percebem a relevância de o tratar pela sua problemática.

Segundo os PCNs, o tema sexualidade é primeiramente abordado no espaço familiar, transmitindo seus valores que cada família adota e esperando submissão por parte dos filhos, mas cabe à escola abordar outros pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para ajudar o aluno a estabelecer um ponto norteador por meio da reflexão.

A ação da escola é compreendida como uma complementação à educação dada pela família; o diálogo entre as duas partes é de grande importância, a fim de que haja coerência dentre os princípios básicos, sendo o papel do educador ser uma ponte, um facilitador do conhecimento, esclarecendo e incentivando os alunos a procurarem sempre ler a respeito da sexualidade, tendo assim mais pontos de vista e vindo a criar a sua própria forma de pensar, refletir e, principalmente, agir.

Para Weeks (1997), o trabalho pedagógico deve ultrapassar as tendências do biológico; a sexualidade está associada a comportamentos, crenças, valores e imposições da sociedade devida a sua identidade estabelecida e modelada. Nota-se, portanto, que maior atenção deve ser dada à temática sexualidade e suas abordagens nas escolas. Uma maior aproximação entre pais, filhos e escolas mostra-se como importante estratégia a ser adotada. Ambiente propício a debates, a escola é considerada um espaço privilegiado para abordagem e a realização de reflexões sobre o tema, especialmente para a formação de adolescentes, haja vista que a adolescência é um período do desenvolvimento humano marcado por intensas transformações hormonais, características da puberdade, constituindo uma fase de transição entre a infância e a

condição de adulto, tendo significativas transformações emocionais, corporais e a construção de uma identidade própria.

Na escola, o professor não precisa ser necessariamente um profissional qualificado em sexualidade, contudo, um profissional informado, que reflita sobre sexualidade, sendo capaz de promover contextos pedagógicos adequados e selecionar estratégias de informações, reflexões, debate de ideias, reciclar-se e atualizar seus conhecimentos de forma a ensinar a pensar, tornando-se mediador do conhecimento. A escola é um espaço eleito para implantar, no contexto educacional, uma educação preventiva.

Brenneisen e Serapião (2007) consideram a escola um espaço privilegiado para o desenvolvimento de ações de educação da sexualidade para adolescentes porque as instituições escolares, além de oferecerem informações corretas e adequadas e embasadas teoricamente pelos educadores, também podem possibilitar questionamentos, discussões, reconhecimento de valores necessários ao amadurecimento dos adolescentes.

Na atualidade, não tem sido uma tarefa fácil incorporar a sexualidade na prática pedagógica. Observa-se que uma das dificuldades que tem atrapalhado o processo pedagógico no âmbito escolar tem sido a mídia, um grande veículo informativo que traz uma explosão de informações, todavia de forma confusa e desordenada. A mídia adota uma ação que modifica as visões e comportamentos referentes à sexualidade, vinculando imagens eróticas que estimulam os indivíduos a apresentar condutas impróprias.

Há diferentes fontes, além da família e escola, que influenciam a vida das crianças diante da sua sexualidade, tais como: livros, sujeitos não pertencentes a sua família, e principalmente nos dias atuais, os meios de comunicação social. Com isso, verifica-se que muitas crianças capturam informações sexuais com fundamento na mídia, não tendo capacidade de entendimento por completo do significado das mensagens, fazendo com que constituam ideias e conceitos errados e criando ideias sobre o tema, que são levadas para dentro da escola. Cabe à instituição escolar desenvolver a ação crítica, reflexiva e educativa deste aluno. Sabe-se que “a mídia, nas suas múltiplas manifestações, e com muita força, assume relevante papel, ajudando a moldar visões e comportamentos” (PCN, 1998, p.292). É preciso separar e conhecer as potencialidades que a mídia tem de favorável para aprendizagem do adolescente, mas cabe aos pais atuar nessa formação e conhecer os conteúdos que os filhos assistem e analisar seus valores e ideias e tentar formar, a partir daí, um cidadão crítico capaz de averiguar se tal conteúdo contribui para sua vida, sendo transmissores de valores da própria educação.

Segundo Nova et al. (2006), que realizaram um trabalho em duas escolas na cidade de Recife (uma da rede pública e uma da rede privada), foi constatado que na escola pública a professora observada e entrevistada nunca teve nenhum tipo de orientação para trabalhar a sexualidade e, mesmo assim, não se sente constrangida em trabalhar o tema, relatando que é muito raro encontrar expressões de sexualidade em seus alunos por achá-los ingênuos.

As autoras concluíram que a professora é muito distraída em relação ao comportamento de seus alunos, não levando em conta o papel da escola como corresponsável pela educação dos educandos, pois na obra “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” Freud (1972) afirma que a sexualidade não é característica exclusiva da puberdade, pois ela se faz presente desde a infância. Portanto, de acordo com o autor, a sexualidade se apresenta muito cedo, sendo um processo contínuo na vida do sujeito (NOVA, et al. 2006). Entende-se que a sexualidade está presente desde a infância, pois as crianças, desde muito cedo, expressam seus sentimentos e, conseqüentemente, na adolescência essas expressões são mais evidentes.

Com relação à escola da rede privada, as autoras identificaram o perfil da educadora tendo ações tradicionalistas, em que ela muitas vezes tenta corrigir, reprimindo as expressões da sexualidade dos alunos, segundo julga correto. Relata ainda que nunca foi orientada sobre o assunto nem na escola e nem na faculdade.

Analisando as observações, as autoras chegaram à conclusão de que as escolas selecionadas não contribuem para a formação psicossocial dos alunos, sendo assim negligente no seu papel de corresponsável de instrução do processo de desenvolvimento.

Moizes e Bueno (2010), em uma pesquisa realizada na cidade de São Paulo, entendem que é responsabilidade do sistema escolar promover a educação integral da criança e do adolescente e, portanto, discutir a sexualidade com vista à promoção da educação sexual tendo como parâmetro os PCNs que promovem o tema sobre sexualidade e devem ser apresentados por meio da transversalidade (forma de organizar o trabalho didático na qual alguns temas são integrados nas áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas) dos conteúdos.

Nesse sentido os autores defendem que a escola deve ser um ambiente propiciador de instrução sobre as transformações ocorridas na fase da pré-adolescência, em que se adquire uma dimensão mais ampla e importante em sua vida, fundamentados nos PCNs como tema transversal. Entende-se que a formação contínua é indispensável para a prática educativa, a qual está diretamente ligada à rotina escolar, assumindo posição de urgência.

Dessa forma, a família e a escola representam importantes elos de identificação e necessitam estar em sintonia, objetivando expectativas recíprocas para que ambas possam contribuir de forma significativa em relação ao ensino-aprendizagem, uma vez que a escola é um dos principais lugares onde a aprendizagem se realiza contribuindo no desenvolvimento global do indivíduo, construindo sua personalidade durante as etapas de vida. A sexualidade invade a escola por meio de atitudes de alunos em sala de aula e da convivência social entre eles, daí sua importância de tratá-la em sala de aula.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Durante a realização de um trabalho acadêmico numa escola municipal da cidade de Anápolis no estado de Goiás, alguns acontecimentos se destacaram: percebeu-se que há uma deficiência de capacitação e abordagem do tema da sexualidade, surgindo assim um interesse para essa pesquisa.

Dessa forma, a construção do presente artigo foi iniciada a partir de uma Revisão bibliográfica acerca da temática. Para sua realização foram consultados diferentes documentos: arquivos em formato digital, artigos científicos, livros e documentos que abordaram aspectos ligados às expressões da sexualidade no contexto escolar, destacando os seguintes autores: Freud (1973), Egypto (2003), PCNs (1997; 1998).

Realizou-se uma pesquisa partindo da perspectiva da metodologia qualitativa a qual, segundo Maanen (1979), tem por finalidade traduzir e expressar os fenômenos do mundo social, fundamentalmente de maneira a reduzir a distância entre teoria e elementos, dando prioridade às significações.

Como técnica de coleta de dados adotou-se a entrevista individual com as educadoras. A pesquisa teve a intenção de descrever a dificuldade relacionada às expressões vivenciadas dentro do ambiente escolar. Participaram da presente pesquisa 08 (oito) educadoras entre 21 a 40 anos de idade, todas do sexo feminino, que estavam no mínimo há um ano efetivamente em sala de aula da Educação Fundamental da Escola citada anteriormente. Para essa coleta de dados foram observadas 03(três) turmas de alunos (de 11 a 18 anos do 4º e 5º anos) sendo 02(duas) turmas do 4º ano (com 39 alunos matriculados nos períodos matutino e vespertino) e 01(uma) turma do 5º ano (com 35 alunos matriculados no período matutino).

Em relação à estrutura física da unidade escolar, as salas observadas são arejadas, com carteiras confortáveis, lousa verde antiga, um ventilador por sala, um armário, decoração

pedagógica (painel de aniversariantes, calendário, tabuada entre outros), com 02 (duas) professoras por sala. Por determinação da direção, o uso do uniforme é obrigatório para manter a identificação dos alunos dentro e fora da escola. O intervalo é dividido em dois momentos, sendo essa uma medida adotada para a conservação da disciplina.

Ressalta-se que a pesquisa foi conduzida em forma de questionários, contendo questões norteadoras para possibilitar a compreensão e a interpretação dos sujeitos de pesquisa. As perguntas do questionário aplicado foram as seguintes:

1. Qual sua formação?
2. Quanto tempo você atua em sala de aula?
3. Em algum momento você pesquisou sobre o tema “sexualidade”?
4. Você se sente capacitada para enfrentar uma situação que envolva o tema sexualidade em sala de aula?
5. Como educadora, você sente algum medo ou receio ao falar de sexualidade com os alunos?
6. Qual é o meio que você utiliza para conversar com as crianças a respeito da sexualidade?
7. A escola oferece apoio para essa capacitação?
8. Existe um apoio por parte da família para abordar o tema?
9. Você concorda que a escola é o local responsável para tratar o tema sexualidade?

Com base nas observações e nas entrevistas realizadas, os dados foram reunidos para uma posterior análise, e já se evidenciou nas observações que há uma enorme dificuldade por parte dos professores de princípios básicos propostos nos PCNs, tanto de interdisciplinaridade quanto da questão transversalidade; se não há mudanças nas práticas então não há aplicação nos princípios dados pelos parâmetros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Serão apresentadas neste tópico as respostas dos questionários aplicados em relação às Expressões da Sexualidade na Infância e Adolescência no Âmbito Escolar. Na descrição da pergunta 1 e 2, sobre a formação e o tempo de atuação em sala de aula, as oito professoras têm formação em Pedagogia, algumas também com formação em Letras e Geografia; entre elas, uma com especialização em Psicopedagogia. As entrevistadas estão atuando em sala de aula entre 03(três) a 17 anos. Os nomes das envolvidas na pesquisa serão resguardados, de modo que se utilizam os seguintes códigos para identificá-las P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8.

Em relação à pergunta 3, que questiona se em algum momento as entrevistadas pesquisaram sobre o assunto sexualidade, predominou-se a resposta “sim”, apesar de somente uma entrevistada (P1) relatar que em nenhum momento pesquisou sobre o tema relacionado à sexualidade.

A formação do professor deve compreender a educação como um compromisso de respeito, no sentido de reflexão sobre os conhecimentos construídos de forma a serem capazes de observar, aprender, comparar, avaliar, escolher, decidir, intervir, romper e optar, e não apenas se limitando somente a transferência de saberes.

Entre o dito e o não dito, a conclusão é óbvia: a formação de professores será sempre importante para qualquer mudança educacional, sobretudo para a melhoria da qualidade do ensino. E pensar a qualidade da educação no contexto da formação de professores significa colocar-se a disposição da construção de um projeto de educação cidadã que propicia condições para a formação de sujeitos históricos capazes de, conscientemente, produzir e transformar sua existência. (CARVALHO, 2005, p.06).

A busca por informações relevantes ao aspecto da sexualidade possibilita condições para desenvolver a criatividade para abordar o tema e melhorar o relacionamento entre professor e aluno, ressaltando a importância da pesquisa e da reflexão sobre o assunto que resultará em um efeito satisfatório em sala de aula.

A pesquisa pode tornar o sujeito-professor capaz de refletir sobre sua prática profissional e de buscar formas (conhecimentos, habilidades, atitudes, relações) que o ajudem a aperfeiçoar cada vez mais seu trabalho docente, de modo que possa participar efetivamente do processo de emancipação das pessoas. Ao utilizar as ferramentas que lhe possibilitem uma leitura crítica da prática docente e a identificação de caminhos para a superação de suas dificuldades, o professor se sentirá menos dependente do poder sociopolítico e econômico e mais livre para tomar suas próprias decisões ANDRÉ (2006a, p. 223).

Em relação à pergunta 4, que indaga se as professoras se sentem capacitadas para enfrentar uma situação que envolva o tema sexualidade em sala de aula, no geral responderam que não se sentem capacitadas. A grande dificuldade das entrevistadas em orientar seus alunos é por razões pessoais, a falta de informações específicas voltadas para o tema e por falta de orientações e recursos metodológicos. Especificamente a P6, apontou a mídia como um mecanismo que transmite informações distorcidas e extremamente prejudiciais, dando outro sentido ao tema, interferindo diretamente na prática docente. Segundo Dinis (2008, p. 478)

Diversidade sexual e de gênero também tem sido um tema constante na mídia, através das novelas, do cinema, da publicidade, dos programas de auditório para jovens, das revistas voltadas para o público adolescente etc, o que certamente tem forçado a escola a debater o tema, trazido às vezes espontaneamente pelos/as próprios/as alunos/as.

A mídia tem um papel importante na sociedade como meio de informação, de conhecimento e de cultura. Por outro lado, é usada para exercer um poder sobre o comportamento dos alunos, que agem com grande influência no processo de identificação com o mundo e a formação de sua personalidade.

Este comentário vai ao encontro do que Egypto (2003, p.17) cita: “A sexualidade que é passada pelos meios de comunicação é consumo, excitação, atrai e estimula crianças e adolescentes”. Dessa forma, gera uma curiosidade ansiosa sobre os alunos, colocando uma situação desconfortável sobre os educadores que não se sentem preparados para lidar com os acontecimentos das transformações ocorridas na adolescência.

As informações errôneas que as crianças levam para dentro de sala de aula estabelecem ideias e pensamentos equivocados embasados na mídia, aumentando a dificuldade dos professores em abordar o tema da sexualidade, os quais se sentem impotentes diante do recurso.

É imprescindível que os docentes tenham acesso a uma formação específica para abordar as expressões da sexualidade com os alunos no âmbito escolar, admitindo a construção de uma postura profissional capaz e consciente em trabalhar esse tema (BRASIL, 1998a).

De acordo com a pergunta 5, que questiona se existe receio ou medo em abordar o assunto com seus alunos, todas as professoras têm receio ao falar do assunto sexualidade dentro da sala de aula pois sentem uma falta de preparo adequado para abordar o tema, uma vez que o educador deve estar preparado e disposto para lidar com tabus, preconceitos, religiosidade e concepções que os alunos possuem no domínio familiar, sendo esse também um elemento de empecilho para o desenvolvimento do assunto dentro de sala de aula, conseqüentemente dificultando o trabalho do educador.

Sendo assim, os desafios são apresentados por parte dos profissionais da educação que vivenciam constantemente obstáculos para o desenvolvimento das expressões da sexualidade saudável, mas devido à insegurança, timidez, falta de capacitação e tabus, se sentem despreparados para romper as barreiras relacionadas à temática. Dessa forma, os alunos são os mais prejudicados, pois estão necessitando de orientação: eles precisam de quem os guie, tire suas dúvidas, fale para eles sobre a mudança que ocorre em seus corpos. “[...] a sexualidade é sempre uma área de saber e de investigação especialmente polêmica, visto envolver-se com

elementos de ordem religiosa e ética de diferentes conotações e universos sociais ou subjetivos” (NUNES, 1987, p. 23). É imprescindível ter organização e disposição para abordar valores, tabus e preconceitos sobre o expressar da sexualidade dentro de sala de aula, todavia o professor permanece sem informações apropriadas relacionadas à temática, portanto acaba oferecendo abordagens inteiramente biológicas e superficiais que os livros didáticos oferecem, limitando o tema e conservando o educador frente às crianças e assim não deixando aparecer os próprios questionamentos, ansiedades e medos.

Conforme os PCN argumentam:

Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada. A formação deve ocorrer de forma continuada e sistemática, propiciando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual. É necessário que os professores possam reconhecer os valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo, assim como reconhecer a legitimidade de valores e comportamentos diversos dos seus. Tal postura cria condições mais favoráveis para o esclarecimento, a informação e o debate sem a imposição de valores específicos. (PCN/MEC, 1998, p. 303).

Quando se questionou qual o meio mais utilizado para conversar com as crianças a respeito da sexualidade (pergunta 6), as professoras afirmaram em sua totalidade que o meio mais usado em sala de aula é a roda de conversa, por ter a finalidade da efetivação do diálogo, em que os alunos são convidados a debater o assunto com intenções definidas, resultando em uma situação restrita e limitada.

A roda de conversa é um momento que professores e alunos usam para expor informações e opiniões, fortalecendo a comunicação, oportunizando a efetivação da conversa de forma espontânea e considerando a importância do tema. De acordo com Brasil, (1998b), esse recurso usado de forma didática é um espaço privilegiado para a troca de informações e ideias do cotidiano das crianças, ampliando sua comunicação, troca de experiência, o perguntar, o expor seus pensamentos e tirar as suas dúvidas.

Quanto à pergunta 7, “A escola oferece apoio para essa capacitação?”, 7(sete) das 8(oito) professoras negaram apoio por parte da escola em forma de capacitação. Somente a P7 afirmou receber tal recurso. Entende-se que a escola não disponibiliza essa capacitação por gerar

insegurança em abordar o tema em sala de aula com os alunos, por haver uma falta de preparo, bem como um desenvolvimento cognitivo diversificado.

É imprescindível que o educador tenha formação específica e continuada para tratar de sexualidade com os alunos na escola, com respaldo teórico para assumir a tarefa de conduzir o processo de reflexão que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seus conhecimentos. (PCN, 2001).

Na pergunta 8 interrogou-se se existe apoio por parte da família para abordar o tema. A P3 e a P7 relataram que existe apoio familiar e as demais professoras negaram a participação e compreensão, citando existir uma resistência por parte da família que entende que essa abordagem é imprópria para a faixa etária, por suas crenças e/ou concepções.

A escola sozinha não é capaz de realizar ações que assegurem o desenvolvimento saudável da sexualidade dos adolescentes. A família representa um elo no desenvolvimento da sexualidade. Então, o sucesso depende da família, da escola e dos professores. O trabalho desempenhado por todos acontecerá de forma satisfatória e eficaz quando se tem um planejamento pedagógico, sendo de grande importância para todos os envolvidos.

O PCN Orientação Sexual (2001) compreende que é ação da escola complementar a orientação dada pela família, devendo informar os familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos sobre sexualidade na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores da proposta, tendo diálogo ente escola e família.

Referente à pergunta 9, que procura saber se as entrevistadas concordam que a escola é o local responsável para tratar o assunto sexualidade, as respostas foram afirmativas, porém a P3 fez a seguinte observação: que é necessário que a escola se associe com a família para desempenhar essa tarefa.

A escola é um espaço ideal para se discutir a sexualidade por se tratar de um ambiente de conhecimento, em que se produzem diálogos e reflexões, necessitando buscar fazer uma inter-relação entre as diversas áreas e a sexualidade para que se produza conhecimento e esclarecimento aos alunos, sendo imprescindível que os temas sejam escolhidos de forma diversificada para que o professor possa planejar de forma diferenciada as dinâmicas que serão utilizadas no processo de cada tema, seguindo uma sequência coerente em sua apresentação. Dessa maneira, deve estar atenta para dar uma melhor atenção aos temas relacionados à sexualidade de seus alunos, sugerindo debates e projetos.

E quando a escola se recusa ou não se capacita para dar conta dessa responsabilidade, ela reforça um conceito distorcido de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano

(EGYPTO, 2003). O ideal seria a conscientização por parte dos professores e da família enfrentando o tabu e os preconceitos, entendendo como orientação e não como incentivo à sexualidade, e a escola aceitar que é um excelente espaço onde o conhecimento, o respeito e a relação das transformações ocorridas na infância e adolescência podem ajudar no desenvolvimento das expressões da sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço em trazer esse tema da sexualidade no âmbito escolar é de compreender como a escola tem se capacitado para abordá-lo dentro de sala de aula e como seus professores são norteados quanto às orientações relacionadas à sexualidade no âmbito escolar, embora muitos obstáculos tenham sido demonstrados, em que os professores se consideram despreparados, necessitando de uma capacitação específica, pois suas dificuldades apontadas levam a uma prática pedagógica cheia de preconceitos, crenças e valores que envolvem três elementos: professores, família e escola.

Então, constata-se que a sexualidade está presente no âmbito escolar e o professor necessita de uma capacitação contínua para lidar com essas questões, evitando opiniões pessoais e reconhecendo a importância da informação adequada para contribuir na formação dos alunos dentro das instituições. Para tanto, os educadores precisam de capacitações para conseguir informações a respeito do tema e saber lidar com eles de forma apropriada em cada fase do desenvolvimento dos alunos.

Educar não significa apenas informar, transmitindo ao aluno conteúdo com os quais não tenham nenhuma ligação, mas a mudança é possível e para que isso aconteça é necessário constante envolvimento dos educadores, apoio e noção das famílias. Essa relação família e escola no processo da sexualidade é indispensável, pois a família é o primeiro lugar onde a criança obtém as primeiras informações, sejam elas indiretas ou diretas, e a escola terá o papel de ensinar e desfazer as distorções aprendidas, seja por meio da família ou por outros meios. É um desafio para as escolas e professores justamente em saber promover e conduzir essa relação de parceria, a fim de beneficiar o desenvolvimento saudável de seus alunos.

Esses resultados encontrados não são definitivos. Deixa-se em aberto para futuras pesquisas nessa temática, pois o que se almeja é que esse trabalho venha contribuir com os profissionais da educação para abordar o tema, questionar e vivenciar na prática pois, assim, os

adolescentes terão em suas aulas mais espaço para esclarecerem suas dúvidas, dividirem suas ansiedades e vivenciar a liberdade de diálogo em relação às expressões de sua sexualidade.

ABSTRACT

Studies of the expressions of sexuality in school demonstrate the need of educators to acquire knowledge on this subject that today has become taboo in school on many occasions. Children's curiosity about sexuality is significant as it may indicate the development of their sexuality. The objective of this article is to understand the difficulties faced by educators in the expressions of sexuality of students in the 4th and 5th years of elementary school. For that, observations were made in a municipal school, in groups of students aged 11 to 18 years and also structured interviews with teachers and coordinators. The result of this work shows that lack of qualification is an obstacle for teachers to deal with the expressions of their students' sexuality, which do not perceive their presence in the classroom.

Keywords: Sexuality in school. Development of sexuality. Teacher training.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli. Ensinar a pesquisar... Como e para quê? In: *ENDIPE*. Recife, 2006b. p. 221-234.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MECSEF, 1998.
- BRENNEISEN, I.; SERAPIÃO, C.J. Percepção e grau de informação sobre a saúde sexual entre estudantes do ensino fundamental e médio: estudo de casos. *O Mundo da Saúde*. São Paulo. Vol. 31, n. 3, p. 448-453, julho/setembro de 2007.
- CARVALHO, Ademar de Lima. *Os caminhos perversos da educação: a luta pela apropriação do conhecimento no cotidiano da sala de aula*. Cuiabá. Edufmt. 2005.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. SP, Brasiliense, 1984.
- DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. *Educação e Sociedade*. Campinas, v.29, n.103, p. 477-492, maio/ago, 2008.
- EGYPTO, Antonio Carlos (org), *Orientação Sexual na Escola: um projeto apaixonante*, São Paulo: Cortez, 2003.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Ed. Nueva Madrid, 1973.
- FREUD, Sigmund. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Original de 1905). v. VII. p. 117-231.
- MAANEN, Jhon, Van. Recuperação de métodos organizacional, uma preferência. *Ciência Administrativa*, v.24, no.4, Dez. 1979 a, pp 520-6.
- MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Revista da escola de enfermagem da USP*, v. 44, n. 1, mar, 2010.
- NOVA, Juliana Vila et al. *A postura do educador diante das expressões da sexualidade da primeira série*. Biblioteca digital de teses e dissertações da UFPE. Recife-PE. 2006.
- NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. Campinas, SP. Papirus. 1987.
- WEEKS, Jeffrey. *Sexo, Política e Sociedade. A regulação da sexualidade desde 1800*. Longman, 1997.